

A semiótica dos alunos de pós-graduação

Seraphim Pietroforte

Quem trabalha, porventura, com a semiótica proposta por Algirdas Julien Greimas e colaboradores, adquire vícios de leitura quando, justamente, tende a ver o mundo, na maioria das vezes, mediante o percurso gerativo do sentido. Desse ponto de vista, da admiração das obras de arte às cenas domésticas, basta o sentido se manifestar para haver investigação semiótica; entre os diversos lugares dessa manifestação, um dos mais frequentados pelos alunos e professores da disciplina coincide, exatamente, com a sala de aula.

Nesse ambiente de trabalho, dos vários dispositivos pedagógicos para motivar a leitura de textos estudados nos cursos, encontra-se a cobrança periódica de relatórios e, assim, modalizado pelo dever, o aluno quase sempre lê e o professor também; consequentemente, dessas leituras e devido ao vício semiótico de análise, não surpreende a ideia de traçar uma tipologia dos enunciadores alunos, admitindo-se, em meio a diferentes estilos e formações, descobrir regularidades semióticas, nas quais tipos de enunciadores se definem, uns em relação aos demais, na formação de uma rede paradigmática.

Não se estudam, porém, alunos ou pessoas, mas estilos definidos em regimes de procedimentos linguísticos e semióticos, gerais e abstratos, por meio dos quais cada um constrói textos particulares, concretos e específicos; tais regimes, vale lembrar, significam uns em relação aos outros, cabendo ao semioticista mostrar como essa rede de relações se articula e, a partir dela, descrever os desdobramentos discursivos de cada regime. Por fim, em cada regime se constitui um *ethos*, criando-se, por decorrência, imagens de enunciadores, identificadas aos modos dos alunos se mostrarem aos professores, demarcando posições na classe e a delinear imagens de pesquisadores.

um objeto de estudos: os alunos de pós-graduação

Nos primeiros minutos de aula, uma massa quase amorfa de alunos examina o professor... mal sabem como são examinados por ele. Alunos de pós se diferem dos alunos de graduação; além dos saberes e das experiências acumuladas na vida acadêmica, há certo orgulho no ar a os destacar. Não apenas isso, pois existe, ainda, o interesse

motivando-os, muitas vezes, a testar com empenho as afirmações dos grandes mestres, colhidas nos textos analisados, e as do professor, quem os orienta; por isso a massa parece quase amorfa, pois forma-se, antes de tudo, uma cena enunciativa regente da sociosemiótica das aulas de pós-graduação.

Semioticamente, a cena enunciativa – recapitulando –, define-se com as categorias de pessoa, tempo e espaço, regentes da sintaxe discursiva, e dos respectivos investimentos semânticos, tanto temáticos quanto figurativos; dessa forma, a cena enunciativa se estabelece a partir de papéis temáticos, investidos nas categorias discursivas de pessoa. Dessa perspectiva, na semântica dos atores, lugares e tempos adequados para determinada enunciação, distribuem-se e se especificam conotações sociais, que, por suas vezes, regem as ações dos coenunciadores por intermédio, precisamente, dos papéis assumidos; logo, enquanto figuras do discurso, alunos e professores de pós-graduação, nas salas de aula e durante os cursos, representam papéis e assumem, sociosemioticamente, conotações sociais.

Nessa situação, caso se solicitem relatórios de leitura, destacam-se aspectos estilísticos nas maneiras de avaliar e organizar os textos estudados; durante a aula, enquanto professor e aluno representam papéis sociais da cena enunciativa, o estilo da escrita se expande, na maioria das vezes, a outras posturas, tais quais se vestir, sentar-se, indagar, que acompanham o aluno em suas colocações... de agora em diante, a massa já não parece amorfa, adquirindo particularidades.

os estilos dos alunos de pós-graduação

O *corpus* utilizado se compõe por relatórios de verificação de leitura e da experiência pedagógica em sala de aula, com a proposta resultando do encontro de duas metodologias: (1) a indutiva, derivada do *corpus*, evidentemente; e (2) a dedutiva, que, orientando-se pela semiótica, permite organizar o *corpus* desse ponto de vista.

Para prosseguir, primeiramente, define-se cada estilo pela relação conjunta estabelecida pelo aluno com os textos selecionados na disciplina estudada, no caso, a semiótica; dessa maneira, o aluno: (1) *afirma a conjunção* com os textos, identificando-se com eles; contrariamente, (2) *afirma a disjunção*, diferenciando-se; admite-se, ainda, (3) *negar a conjunção*, singularizando-se; e (4) *negar a disjunção*, assimilando-se. Na proposta, portanto, encaminham-se quatro estilos ou regimes de realização:

(1) o *enciclopedista*

Alguns alunos se comportam, segundo observa São João da Cruz no tratado *Noite escura*, com gula em relação aos estudos; no tratado, o santo descreve como os sete pecados capitais atrapalham os discípulos na busca pelo conhecimento. O guloso seria, justamente, quem lê em demasia, guardando os conhecimentos tanto na memória quanto no coração; entretanto, corre o risco de se obnubilar pela biblioteca trazida consigo, esquecendo-se de outras questões, também importantes.

O saber, para ele, constrói-se pela somatória e exposição dos conhecimentos acumulados. Consequentemente, tal aluno se dispõe, amiúde, a discorrer sobre os autores citados e as respectivas teorias, relacionando-as, às vezes, com precipitação, e invocando, quando possível, outros autores; feito iluminista, todas as concepções, em princípio, parecem boas, merecendo consideração, inclusive, as propostas dos professores, por isso, em geral, esses alunos se expressam simpaticamente.

Nesse regime, há adesão ao conhecimento, pelo qual, como vigia, o estudante pretende zelar; o *enciclopedista* afirma, portanto, o universo de discurso acadêmico colocado à disposição, identificando-se com ele.

(2) o *inquisidor*

Contrariamente a quem adere ao saber acadêmico, há quem se separa dele, acusando-o semelhantemente a juízes e promotores; por essa razão, minuciosamente, como detetive, o inquisidor procura falhas nos textos lidos, quando não as inventa. Geralmente, se estudioso, esses alunos têm razão; no entanto, a postura defensiva, eventualmente, permite duvidar de algumas argumentações. Dessa maneira, diferentemente do enciclopedista, o inquisidor, porque acusa, tende a rebaixar os grandes autores; por decorrência, o que para o primeiro é teoria, para o segundo se torna especulação.

Nesse regime, afirma-se a separação entre o estudante e o universo de discurso acadêmico; a seu modo, o *inquisidor* se assemelha ao vigia que, em vez do enciclopedista, quem guarda tudo, dispensa vários conteúdos estudados, afirmando, mediante as disjunções realizadas, a diferenciação em relação à matéria.

(3) o *desconfiado*

O *desconfiado* contradiz o comportamento do enciclopedista, estudando o solicitado, mas, longe de estocar as lições, tende a colocar reticências; para o *desconfiado*,

as teorias parecem boas, entretanto, antes de as aceitar prontamente, recomenda-se preservar limites razoáveis.

Frente a quaisquer análises, esse aluno discorda dos aspectos conclusivos, contudo, ele salvaguarda os desenvolvimentos e as propostas, respeitando, com tolerância, os autores importantes; reserva-se no direito, porém, de afirmar que, se tudo não passa de construção discursiva, portanto, de ideologia, qualquer discurso científico admite ser desconstruído.

Nesse regime, nega-se a adesão do enciclopedista; o *desconfiado* não vigia as salas do conhecimento, mas se apresenta com comedimento. Em vista disso, por negar a identificação, o *desconfiado* assume a singularização, quer dizer, ele nega a conjunção com o conhecimento acadêmico.

(4) o *diplomata*

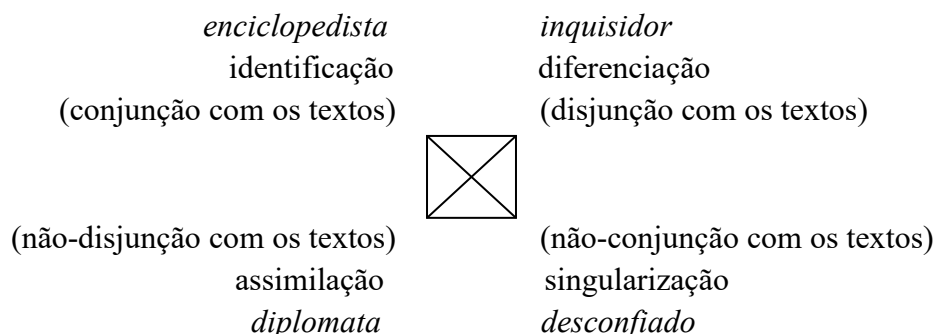
O *diplomata* contradiz o inquisidor; para ele, nem tudo se mostra digno de assimilação, no entanto, cortesmente, ele convoca, de boa vontade, o material estudado. Para ele, o saber não resulta de desconfianças nem de contraposições constantes; tampouco, o conhecimento se resume ao acúmulo de tratados e teses. Em seu estilo, o *diplomata* navega nos mares do saber, retendo o suficiente para preparar suas teses; onde o enciclopedista exagera e o inquisidor atravanca, ele negocia.

Nesse regime, nega-se a separação entre o aluno e o universo de discurso acadêmico; semelhantemente ao *desconfiado*, o *diplomata* não vigia, todavia, ele substitui protestos por considerações. Assim procedendo, negando a disjunção, o *diplomata* se assimila.

a rede de relações

Estabelecidos os regimes, encaminha-se a rede de relações em que eles se definem mutuamente; o critério, para tanto, continua a relação entre o enunciador aluno e o universo de discurso acadêmico à disposição, estabelecida pela categoria formal *identificação vs. diferenciação*. Nessa situação, mediante o quadrado semiótico, geram-se quatro termos, resultantes da aplicação das operações de afirmação e negação sobre a categoria formal determinada; em outras palavras: com a afirmação da *identificação*, forma-se o regime do *enciclopedista* e, com sua negação – isto é, na *singularização* –, o

regime do *desconfiado*; com a afirmação da *diferenciação*, gera-se o regime do *inquisidor* e, com sua negação – isto é, na *assimilação* –, o regime do *diplomata*.



a decrepitude de cada regime

Cabe lembrar, o *corpus* utilizado nas deduções anteriores, isto é, os relatórios de leitura solicitados, formou-se por bons alunos, ou seja, os estudiosos; conseqüentemente, verificam-se relações de boa-fé mesmo nos *inquisidores* e *desconfiados*. Há, contudo, aqueles menos honestos, valendo-se das mesmas estratégias, mas gerando imagens diferentes, a mostrar que cada regime revela decrepitudes quando os enunciadores apresentam as faces desfiguradas.

Dessa maneira, o *enciclopedista*, ao exagerar, lendo avidamente, perde espontaneidade, tornando-se *arquivista*; nessa decrepitude, ele se transforma, de bom articulador de teorias, em máquina de fazer dissertação, citando todos os autores possíveis, mas traçando poucas relações e a misturar, quase sempre, modelos contrários. Em vista disso, do simpático e interessante *enciclopedista*, surge o *arquivista* antipático e pedante.

O *desconfiado*, por sua vez, corre o risco de se tornar tolo, feito um bobo da corte. Como se sabe, permite-se ao bobo apontar, ao rei, grandes verdades, fazendo com que a bobeira se revela aparente; o *desconfiado* decrépito, todavia, não se comporta assim, ele é e parece bobo, justamente, quando a desconfiança desanda em gracejo e o gracejo, porque impróprio, passa por tolice. O *tolo*, portanto, contrariamente ao *desconfiado*, não entende o que lê, por isso, desconfia sem razão.

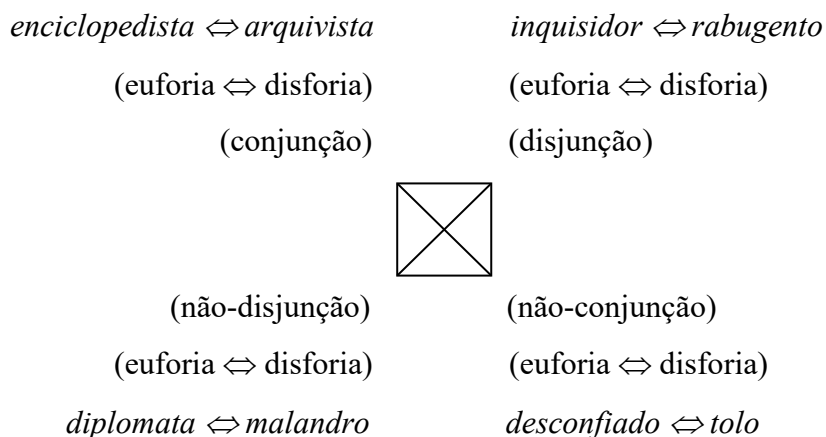
O *inquisidor* decadente gera o *rabugento*, quem reclama de tudo, até da qualidade da diagramação dos textos lidos; se o *inquisidor* persegue porque conhece, o *rabugento* esconde, na decrepitude, além da imperícia, certa má fé.

O *diplomata*, por fim, dá lugar ao *malandro*. Se o diplomata articula os estudos porque os fez, o malandro intenta algumas bricolagens; nessas circunstâncias, ele nunca estuda, entretanto, porque sempre circulam informações entre os estudantes, o *malandro* simula supostos conhecimentos, articulando dados sem o devido conhecimento. Dessa feita, não discordando porque ignora boa parte dos tópicos, sua técnica, semelhantemente à do diplomata, é a negociação; contudo, ao lidar mal com os valores em câmbio, apela para o embuste.

Em síntese, projeta-se sensibilização na categoria *adesão vs. separação* capaz de euforizar ou disforizar a performance discursiva em cada regime determinado; tal sensibilização, por sua parte, baseia-se na sanção do destinador julgador, figurativizado pelo professor, a respeito da performance do sujeito narrativo, figurativizado pelo aluno.

Nessa semiótica, tanto na elaboração de relatórios de leitura quanto em colocações em sala de aula, o professor espera, na performance discursiva realizada, sancionar a competência do aluno. Nessa sanção, se positiva, ou melhor, se a competência se manifesta nas relações traçadas pelo aluno entre o já conhecido e as aprendizagens colhidas nos textos da bibliografia em questão, gera-se a euforia da realização da performance; contrariamente, o que permite discriminar *arquivistas*, *tolos*, *rabugentos* e *malandros* condiz com a verificação da incompetência, por isso, a disforia.

Para concluir, retoma-se, complementando, o quadrado semiótico proposto no final do item anterior:



o *éthos* e a enunciação de cada regime

Segundo a semiótica, compensa lembrar, a instância da enunciação se realiza nas relações entre enunciação e enunciado, geradas nas relações entre enunciador e enunciatário. Dessa perspectiva, na relação enunciador-enunciatário, constrói-se, nas marcas deixadas no enunciado, o *éthos*, isto é, a imagem simulada do enunciador apresentada ao enunciatário. Assumir um regime estilístico, portanto, entre outros recursos argumentativos, refere-se à construção do *éthos*, ao permitir, pelo menos, a definição de gêneros distintos de enunciar, que garantem, consequentemente, a coerência das posturas do enunciador.

Dessarte, ser *enciclopedista*, *desconfiado*, *inquisidor* ou *diplomata* revela-se assumir determinado *éthos*, capaz de orientar modos de ser e de fazer específicos. O enunciador, consequentemente, à medida que adota um regime, oferece, ao enunciatário, maneiras de ser interpretado, definidoras de sua personalidade semiótica, permitindo, dessa forma, a previsão de seu comportamento. Assim, ao manipular o enunciatário por meio do regime, o enunciador estabelece as maneiras pelas quais pretende ser sancionado, conforme expressa, com isso, sua competência, em especial, seu saber-fazer.

Escolher um regime, logo, equivale a selecionar determinado número de dispositivos retóricos, adequados à personalidade semiótica simulada em cada um deles. Em vista disso, no modelo proposto: (1) o *enciclopedista*, porque adiciona modelos teóricos na constituição do saber, prefere a enumeração, a paráfrase e a anáfora, enumerando autores e teorias, parafraseando obras e repetindo conceitos ao longo do discurso; (2) o *desconfiado* prefere não repetir, pois, por se ocupar com a semiótica do discurso científico, utiliza a metalinguagem, buscando desconstruir os textos estudados; (3) o *inquisidor*, sempre na contramão das teorias, vale-se da ironia e da antítese; (4) o *diplomata*, por fim, escolhe os subentendidos e as elipses, porquanto, incapaz de se articular feito o *enciclopedista*, não retém as fontes, descuidando das devidas referências e citações.

Para concluir, tais escolhas retóricas, marcadas no enunciado, remetem ao estilo do enunciador e à escolha do regime semiótico de enunciação, exatamente, ao articular *éthos*, enunciação e enunciado na semântica global em que eles se definem.

bibliografia

COHEN, J. e outros (1975). *Pesquisas de retórica*. Petrópolis: Vozes.

FIORIN, J. L. (1988). *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática.

LANDOWSKI, E. (1992). *A sociedade refletida*. São Paulo: Educ, Pontes.

_____ (2002). *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva.

São Paulo, 09 de setembro de 2026